

Uma curadora na Amazônia: trajetória de vida e saberes da experiência

Maria Betania Albuquerque¹
Dannyel Teles de Castro²

<http://dx.doi.org/10.4025/rbhranpuh.v9i26.32479>

Resumo: O artigo analisa a trajetória de vida e os saberes construídos por uma curadora na ilha de Colares, no Pará (Brasil). Com base na pesquisa de campo e apoiado nos pressupostos da história oral temática, tem como objetivos identificar os saberes construídos por Rosalina, bem como analisar os processos de construção e transmissão desses saberes. Teoricamente, apoia-se em Mafessoli (2006) acerca do conceito de socialidade; na ideia de bricolagem de Lévi-Strauss (1989); e nos saberes da experiência ou saberes ordinários de Michel de Certeau (2009). Dentre as conclusões, o artigo ressalta a multiplicidade de saberes construídos e transmitidos oralmente por Rosalina a um grupo de pessoas que os ressignificaram de diferentes formas. Suas práticas de cura englobavam elementos de diversas tradições (umbanda, esoterismo, Nova Era) configurando um hibridismo religioso e um constante processo de bricolagem de seus saberes. No contexto de uma Amazônia carente de atendimentos médicos e de serviços de orientação à população, sobressaiu-se Rosalina de dentro das matas de Colares, cuja prática de vida “alternativa” coloca-a como um sujeito singular portador de múltiplos saberes, os quais, numa ampla rede de socialidade, foram postos em circulação a diversas pessoas fazendo dela uma curadora e, também, uma educadora do cotidiano.

Palavras-Chave: trajetória de vida, saberes da experiência, práticas de cura, Amazônia

A healer in Amazonia: life story and knowledge of experience

Abstract: The article analyzes the trajectory of life and knowledge built by a curator in Colares Island, Pará (Brazil). Based on field research and supported by the assumptions of thematic oral history, it aims to identify the knowledge built by Rosalina and to analyze the processes of construction and transmission of this knowledge. In theory, relies on Mafessoli (2006) about the concept of sociality; the DIY idea of Levi-Strauss (1989), and the knowledge of ordinary experience or knowledge of

¹ Doutora em Educação: História, Política, Sociedade pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP) com Pós-Doutoramento pelo Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra (CES-Portugal). Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará (UEPA), na Linha de Pesquisa: Saberes Culturais e Educação na Amazônia. Email: mbetaniaalbuquerque@uol.com.br.

² Universidade do Estado do Pará (UEPA). Bolsista CAPES. Membro do Grupo de Pesquisa Neoesoterismo e Religiões Alternativas (NERA). E-mail: dannyelcastro@hotmail.com

Michel de Certeau (2009). Among the conclusions, the article emphasizes the multiplicity of knowledge built and transmitted orally by Rosalina to a group of people who reshaped them in various ways. Their healing practices encompassed elements of various traditions (Umbanda, esotericism, New Era) setting up a religious hybridity and a constant process of DIY their knowledge. In the context of a poor Amazonia of medical care and counseling services to the population, stood out Rosalina within Colares forests, whose practice of "alternative" life places it as a singular subject with multiple knowledge which, in a wide network of sociality, were put into service to several people making it a healer and also an everyday educator.

Keywords: life path, the experience knowledge, healing practices, Amazon

Un sanador en la Amazonía: historia de vida y el conocimiento experiencia

Resumen:El artículo analiza la trayectoria de la vida y el conocimiento construido por un conservador en la isla de Colares, en Pará (Brasil). Basado en la investigación de campo y apoyado a los supuestos de la historia oral, que tiene como objetivo identificar el conocimiento construido por Rosalina y examinar los procesos de construcción y transmisión del conocimiento. En teoría, se basa en Mafessoli (2006) sobre el concepto de la sociabilidad; la idea de bricolage para Levi-Strauss (1989); y el conocimiento de la experiencia o el conocimiento común de Michel de Certeau (2009). Entre las conclusiones, el artículo destaca la multiplicidad del conocimiento construido y transmitido oralmente por Rosalina a un grupo de personas que les resignificaron de diferentes maneras. Sus prácticas de curación abarcaron elementos de diversas tradiciones (Umbanda, esoterismo, Nueva Era) la creación de una hibridez religiosa y un proceso constante de bricolaje de sus conocimientos. En el contexto de un Amazon pobre del médico y de la población a los servicios de orientación, se destacó dentro de los bosques Rosalina Colares, una práctica de vida "alternativos" lo coloca como un portador sujeto singular del conocimiento múltiple que, en una amplia red de sociabilidad, se pusieron en servicio a varias personas por lo que es un sanador y también un maestro de todos los días.

Palabras clave: Camino de la vida, la experiencia de conocimiento, prácticas curativas, Amazon

Recebido em 30/06/2016 - Aprovado em 19/09/2016

1. Introdução

Na década de 1970 a ilha de Colares/PA esteve na rota de inúmeros *hippies* motivados, possivelmente, pelo sentimento de rejeição ao capitalismo e a consequente busca por uma experiência alternativa de vida, bem como pela existência de estranhos fenômenos ufológicos ocorridos no céu da ilha.

Entre estes andarilhos estava uma curadora chamada Rosalina³ que, por volta da década de 1970, decidiu largar o emprego que tinha na Assembleia Legislativa na capital do Estado, Belém, para ir morar nas matas de Colares dedicando-se a obras de caridade material e espiritual, aos estudos esotéricos e a prática de vida em sintonia com a natureza local.

³ Para manter o anonimato da curadora e dos sujeitos da pesquisa utilizamos apenas nomes fictícios.

Durante sua estada nessa ilha, Rosalina foi construindo uma multiplicidade de saberes, os quais foram transmitidos oralmente a um grupo de pessoas que os ressignificaram de diferentes formas, contribuindo para a construção de sua identidade como curadora e educadora. Esses saberes, contudo, para além de uma perspectiva de classe, eram oriundos de diversos contextos sócio-culturais num claro exemplo do que o historiador italiano Carlo Ginzburg chamou de circularidade cultural.

Ginzburg (1987) ao pesquisar as idéias e referências literárias de um moleiro perseguido pela inquisição medieval, o identificou como um sujeito singular. Sua singularidade estava no fato dele ser portador de múltiplos saberes, a despeito de sua simples condição camponesa. Em sua obra clássica: “O queijo e os vermes”, Ginzburg (1987) analisa o cotidiano e as ideias desse moleiro, conhecido por Menocchio, como fio condutor para a discussão do conceito de circularidade da cultura. Menocchio pertencia à classe subalterna de uma sociedade formada, sobretudo, por pessoas iletradas. No entanto, ele não apenas sabia ler como possuía livros eruditos os quais também circulavam entre as classes dominantes. O acesso a tais leituras foi responsável pela formulação de ideias críticas em relação à igreja da época e seus dogmas que contribuíram para lhe colocar em péssimas condições perante o Tribunal da Santa Inquisição, culminando com sua morte.

Na esteira de Carlo Ginzburg (1987), e guardadas as devidas especificidades, constatamos uma circularidade cultural entre os saberes de Rosalina na medida em que foram apreendidos em sua experiência cotidiana desde a infância, no contexto da pajelança cabocla e da prática umbandista. Mas também, no contato com elementos do esoterismo e da filosofia oriental presentes na religiosidade Nova Era, apreendidos a partir dos livros e da relação com pessoas portadoras desses saberes. Resta saber: como Rosalina construiu e transmitiu seus saberes em sua trajetória de vida? Como caracterizar esses saberes? Nessa direção, o artigo tem como objetivos identificar os saberes construídos por Rosalina, bem como analisar os processos de construção e transmissão desses saberes num determinado contexto histórico. Teoricamente, apoia-se em Maffesoli (2006) acerca do conceito de socialidade; na ideia de *bricolagem* de Lévi-Strauss (1989), e de revolução cultural de Hobsbawm (1994), bem como em autores que refletem sobre os saberes da experiência, os quais, não sendo pautados em pesquisas acadêmicas, orientam, contudo, a vida de inúmeras pessoas, tal é o caso dos saberes ordinários ressaltados por Michel de Certeau (2009).

Do ponto de vista metodológico, a pesquisa de campo realizada ancorou-se nos pressupostos da história oral a qual, segundo Portelli (1997, p.15), visa aprofundar padrões culturais, estruturas sociais e processos históricos “por meio de conversas com pessoas sobre a experiência e a memória individuais e ainda por meio do impacto que elas tiveram na vida de cada uma”. Como método, a história oral possibilita o registro das memórias individuais, a reinterpretação do passado, permitindo que os sujeitos reiventem suas experiências, podendo ainda contribuir para “auxiliar as pessoas a reconhecer e dar valor a experiências silenciadas, ou reconciliar com os aspectos difíceis de seu passado” (THOMSON, 1997, p. 70).

Portelli (1997, p. 16) afirma que a História Oral compreende a realidade, “não tanto como um tabuleiro em que todos os quadrados são iguais, mas como um mosaico ou colcha de retalhos em que os pedaços são diferentes, porém, formam um todo coerente depois de reunidos”. Desse modo, as entrevistas realizadas com amigos de Rosalina a reconstituição de sua trajetória de vida e do mosaico em que se inscrevem seus saberes.

A história de vida como documento aspira relacionar a história do indivíduo enquanto sujeito histórico, mediador de saberes e a sociedade na qual está historicamente inserido. Assim, com base em uma história de vida temática, procuramos analisar um tema específico na vida de Rosalina, isto é, seus múltiplos saberes construídos em sua vivência religiosa cotidiana. A coleta de dados se deu por meio de 05 entrevistas realizadas com pessoas que conviveram com Rosalina, sendo que algumas delas constituem um grupo de pessoas que se autodenominam como seus seguidores e buscam perpetuar e atualizar seus saberes, mesmo após o seu falecimento no ano de 2006. Parte das entrevistas foi realizada na cidade de Belém, sendo que a maioria ocorreu, entre os anos de 2012 e 2014, na ilha de Colares, lugar tido pela população local como mágico, sagrado, “portal da Amazônia”, dentre outras denominações.

2. Rosalina e a Ilha de Colares

Colares é uma pequena cidade marcada, dentre outras coisas, pela cultura pesqueira, pela natureza exuberante e pelo modo simples de viver dos seus moradores. Sua condição territorial de ilha é responsável pela suavização do clima, dado o vento constante que sopra ao longo do dia. Está localizada ao norte do Brasil, no Estado do Pará (região do Salgado), com uma área de 09,79 km² e uma população de 11.438 habitantes (ESTATÍSTICA MUNICIPAL, 2012, p.1).

Economicamente, Colares é mantida pela agricultura, pesca e pecuária de subsistência e por pequenos comércios de produtos e serviços, assim como pelo extrativismo tanto vegetal quanto animal. Na agricultura, o cultivo e a produção da mandioca é a mais expressiva das atividades que, aliando-se à pesca, constituem as principais fontes de alimentação da população local, configurando um traço de continuidade com a cultura indígena tradicional.

A ilha do Sol – como era conhecida entre seus primeiros habitantes, os índios Tupinambá – compreendia, fundamentalmente, a aldeia, chamada pelos índios de Aldeia de Cabi. A empresa colonial existente em toda a região do Salgado transformou a simples aldeia em cidade, antes, porém, em uma Freguesia. Com a denominação de Freguesia de Nossa Senhora do Rosário de Colares, esta ilha esteve vinculada ao município de Vigia de Nazaré num processo complexo de idas e vindas envolvendo sua situação jurídica e política. Em 29 de dezembro de 1961, através da Lei Estadual nº 2.400, Colares ganhou autonomia como Município ficando, dessa forma, desmembrada da cidade de Vigia.⁴ Entretanto,

⁴ Estatística Municipal do Município de Colares (2012, p.7).

historicamente, a cidade recebeu diversos nomes, tais como: Ilha do Sol, aldeia dos tupinambá e aldeia de *cabi* ou *cabu*.⁵

Envolvidos no esforço da conversão de almas, foram enviados à Amazônia missionários para catequizar a imensa população indígena que constituía os habitantes das terras que deveriam ser colonizadas. A partir de 1751, o Estado do Grão-Pará passou a ser governado por Francisco Xavier de Mendonça Furtado.

Conforme aponta Ernesto da Cruz em sua obra “História do Pará” (1999), Mendonça Furtado era conhecido por não ter uma boa relação com os padres jesuítas, de modo que foi durante o seu governo que estes padres foram expulsos de Colares e de todo o Grão-Pará. Posteriormente à retirada dos padres das aldeias paraenses, Mendonça Furtado fundou Vilas nas Aldeias pertencentes às missões jesuítas, atribuindo o nome de cidades lusitanas às novas Vilas, na tentativa de ser agradável à Corte de Portugal em seu projeto colonizador. Nesta operação, todas as aldeias que possuíam nomenclaturas indígenas passaram a receber nomes europeus inspirados nas cidades portuguesas. Em vista disso, a aldeia de Cabi, ou aldeia dos Tupinambás, passou a se chamar Vila de Colares, em referência à cidade portuguesa chamada Colares (CRUZ, 1999), cujo significado é colina.

Visitar Colares não é uma empresa difícil pois a ilha está localizada há, aproximadamente, 93/4 km da cidade de Belém, com acesso pelas rodovias BR-316, PA-140 e PA-238, por onde se segue, de carro, van ou ônibus até a comunidade de Penhalonga. Nessa localidade encontra-se o rio Igarapé-Mirim por onde ocorre a travessia de uma balsa que transporta veículos e passageiros até a outra margem da ilha. O deslocamento fluvial até o chão da ilha ocorre de modo rápido com duração de apenas 10 minutos, frustrando muitas vezes os visitantes desejosos de uma viagem um pouco mais longa sobre um estreito rio cercado de abundante mata. Da mesma forma, após a travessia de balsa, também é relativamente rápido o percurso até o centro de Colares que dura, aproximadamente, vinte minutos.

Contornada de verde para todo lado, na cobertura vegetal da ilha, contudo, pouco restou da floresta primitiva em consequência dos constantes devastamentos, predominando, com isso, a “mata secundária, de porte mais ou menos elevado, capoeiras e algumas reminiscências da vegetação do cerrado”, além das florestas de mangues (ESTATÍSTICA MUNICIPAL, 2012, p. 3).

Ao longo da estrada que leva ao coração da cidade encontra-se a avenida principal denominada de 15 de Novembro, onde se concentra um pequeno e caótico centro comercial que abrange: um posto bancário (Bradesco), algumas lojas, um supermercado de maior porte, pequenos mercados, fruteiras, hotel, pequenas portas de vendas de açaí, produto marcante da ilha, e ainda a Praça Miguel Gondim que demarca o centro da cidade

⁵ O termo *Cabi* designa uma espécie de cipó utilizado pela população local com fins religiosos e medicinais, como provável herança dos índios Tupinambá, posteriormente mescladas às práticas de outros grupos étnicos.

como espaço de trocas, encontros e sociabilidades e onde se localiza o único posto médico da ilha.

A partir do ano de 1977 um fato marcante pôs esse posto médico na mira da imprensa de Belém. Trata-se dos relatos de pacientes que chegavam com queimaduras causadas por feixes de luz, visualizados no céu da ilha, que sugavam o sangue das pessoas. Conhecido como “chupa-chupa”, nesse mesmo ano a Força Aérea Brasileira esteve em Colares realizando uma operação conhecida como “Prato”, montada para investigar a ocorrência desse estranho fenômeno (GIESE, 1991).

O interesse midiático pelos fenômenos ufológicos em Colares refletiu diretamente no mercado turístico local, passando a ser utilizado em estratégias de marketing para atrair turistas. Evidência disso são as figuras ou representações de extraterrestes aspalhados em vários pontos da ilha, tais como: barbearias, mercados, praças, nos muros das casas, entre outros. Com isso, muitos turistas foram atraídos para Colares, entre os quais ufólogos interessados em um contato visual com as luzes que apareciam no céu da ilha. Outros, ligados ao neoesoterismo e à Nova Era, não estavam apenas interessados em disco-voadores, mas, segundo eles, na “energia diferente” existente em Colares, tida como uma ilha mística.

Nos anos 70, período em que os ecos da contracultura (GUERRIERO, 2009) circulavam pelo país, a ilha foi um dos destinos mais procurados de turistas envolvidos com atividades intelectuais, ligados às artes plásticas, à música, à literatura e à fotografia (VILLACORTA, 2011). Para a população do município esses sujeitos eram comumente chamados de *hippies*, devido às vestimentas coloridas em estilo indiano, ao discurso de “paz e amor”, à alimentação natural e ao modo de vida libertário e em comunhão com a natureza. Dois sítios, especificamente, tornaram-se polos de atração desses sujeitos posto que, neles vivenciavam-se experiências semelhantes às ocorridas nas comunidades alternativas, porém de forma não tão profunda, já que, diferentemente dessas comunidades, os sujeitos participantes não moravam juntos, mas costumavam passar pequenos períodos (uma semana, um final de semana ou, em casos menos frequentes, um mês). Nesse período, entretanto, o que ocorria nesses sítios em muito se assemelhava aos modelos de comunidades, pois predominava um estilo de vida libertário, com divisão de tarefas, alimentação natural inspirada no vegetarianismo e a vivência religiosa voltada para a harmonia com a natureza, meditações, reverência aos “espíritos da mata”, dentre outras práticas.

Ambos os sítios eram liderados por mulheres, sendo uma delas Rosalina que realizava “curas espirituais” utilizando-se de métodos diversos, com destaque para o uso da pena e maracá ligados à pajelança cabocla (MAUÉS, 1990), além de receitas de banhos e chás.⁶ Além dessas práticas de cura, no seu sítio em Colares, denominado de “Estrela do

⁶ A trajetória dessa curadora, em específico, já foi tema de duas produções acadêmicas no Pará, sendo uma tese de doutoramento (VILLACORTA, 2011) e um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) (CASTRO, 2014).

Oriente”, Rosalina realizava rituais em volta de uma grande fogueira, incorporada de entidades da Umbanda como Pai Tupinambá (VILLACORTA, 2011). Outras técnicas empregadas incluíam a cromoterapia, musicoterapia e um ritual neoesotérico, criado por ela, chamado “Foco de Luz”. O ritual consistia na emanação de diferentes energias e vibrações para a cura dos próprios participantes, de outras pessoas necessitadas e do Planeta Terra, a partir da realização de meditações com as cores do arco íris correspondentes a cada um dos Mestres Ascencionados da Grande Fraternidade Branca (CASTRO, 2014). Além disso, eram feitas invocações aos Mestres, com o propósito de fortalecer os processos meditativos realizados. No ritual, cada cor do arco-íris correspondia a uma chama (ou um raio) sendo cada uma imbuída de um simbolismo, a ser visualizada no processo meditativo pelos participantes. A mais significativa era a “chama violeta”, que simboliza a transmutação cujo mestre é *Saint Germain*.

Apesar de o “turismo místico” praticado por indivíduos neoesotéricos na ilha de Colares persistir até os dias atuais, sua gênese remonta à década de 1970, período de forte influência da contracultura que, apesar de ter se iniciado nos EUA, teve reflexos em nível global. De acordo com o historiador Eric Hobsbawm (1994), essa revolução cultural foi de forte impacto para a história do século XX, sobretudo por ter trazido em seu bojo a ruptura de paradigmas que foi responsável por mudar os rumos da sociedade em vários aspectos. Duarte (2010, p.53) afirma ainda que essa rebelião juvenil tinha uma conotação político-mística, em que se manifestava “o desejo de mudar o mundo a partir de um movimento que vem de dentro para fora, onde era necessário mudar o cotidiano, valorizando a liberdade individual”. A maior parte desses jovens tinha acesso aos privilégios do capitalismo, além de boa educação e garantia de um bom lugar no mercado de trabalho. Entretanto, apesar disso, optaram por questionar os padrões de vida da sociedade burguesa americana, a racionalidade científica e a tradição bíblica.

O movimento da contracultura foi o principal responsável pela difusão da religiosidade neoesotérica na sociedade, sobretudo porque a religião em seu âmbito institucional foi tida, pelos sujeitos que faziam parte desse movimento, como nociva para o desenvolvimento humano. Ao abrir mão dos moldes tradicionais de religião marcados pela presença de um sacerdote mediando a relação entre o ser humano e o divino, esses indivíduos passaram a buscar por relações diretas com o sagrado, baseadas na experimentação de tradições orientais, nativas (ou indígenas) e ocultistas (MAGNANI, 1999). Nesse sentido, a prática religiosa apresenta-se como “uma demanda imediata, poderosa e profunda da experiência religiosa com significado e satisfação no presente, rompendo com proposta instrumentalista da experiência religiosa tradicional orientada para o futuro” (PEREIRA *apud* DUARTE, 2010, p.28).

Foi nesse contexto que houve a profusão das comunidades alternativas, às quais as vivências no sítio de Rosalina se assemelham. De acordo com Santos (2011, p.3), as principais características das comunidades alternativas formadas por *hippies* são: “vivência comunitária; utilizações alternativas dos recursos naturais; preservação do meio ambiente; práticas espirituais; práticas políticas influenciadas pelo anarquismo; busca de

independência em relação ao mercado capitalista”. Dessa forma, as pessoas uniam-se em comunidades através de um sentimento de “pertença” a uma filosofia de vida que compartilhavam, em processo de crítica ao sistema capitalista, estabelecendo práticas alternativas àquelas impostas pela sociedade.

Para Maffesoli (2006), o momento atual da modernidade caracteriza-se não apenas pelo individualismo, mas também pelo ressurgimento do papel da comunidade. No seu entendimento, ambos os fenômenos não se excluem, mas, ao contrário, podem ser vivenciados simultaneamente. Isso ocorre, pois, “os modos de vida contemporâneos [...] não se estruturam mais a partir de um pólo unificado. De maneira um tanto estocástica, são tributários de ocorrências, de experiências e de situações muito variadas” (MAFFESOLI, 2006, p. 120). Maffesoli utiliza o termo socialidade para se referir a essa ambiguidade do sujeito moderno que, justamente por ser independente, busca se reunir com pessoas que compartilham do mesmo sentimento de pertença. Nesse sentido, unir-se a um grupo de pessoas representa uma “nostalgia da comunidade” na qual esses indivíduos procuram atribuir sentido a saberes perdidos e/ou fragmentados pelos processos da modernidade (MAFFESOLI, 2006, p.124).

Para Maffesoli (2006, p.153), a socialidade vivida no interior de grupos compostos por sujeitos como Rosalina e os freqüentadores de seu sítio, evidencia uma “auto-suficiência grupal” que poderia causar uma impressão de fechamento. Argumenta, entretanto, que há um “incremento na qualidade das relações, que passam a ser mais ‘intensivas’ e vividas no presente” (MAFFESOLI, 2006, p.153). Isso acontece porque, enquanto a modernidade favorece o individualismo, a pós-modernidade que dela advém possibilita o recolhimento dentro de um grupo e o aprofundamento das relações vividas no interior desse grupo, conforme ocorrido no sítio de Rosalina na década de 1970.

Analisando as experiências vividas pelos amigos de Rosalina observamos, a partir de entrevistas, que a prática da leitura era um hábito fundamental e englobava temas diversos que iam desde os experimentos psicodélicos com alucinógenos descritos em livros como os de Aldous Huxley e Carlos Castañeda, por exemplo, ao existencialismo de Jean-Paul Sartre, passando pela literatura neoesotérica, como as obras de Helena Blavatsky e pelos poetas mochileiros da geração *beat*, tais quais Jack Kerouac, Carl Solomon e Allen Ginsberg. Esse estilo de vida era comum entre os jovens que integravam a contracultura, ou o que Hobsbawm (1994) chamou de revolução cultural. Segundo este autor, a contracultura foi um movimento iniciado nos Estados Unidos na década de 1960 e caracterizou-se pelos questionamentos aos hábitos sócio-culturais vigentes na época. Os protagonistas deste movimento foram, sobretudo, jovens insatisfeitos com os rumos que a sociedade capitalista tomava e que visavam uma revolução dos costumes.

As considerações acima evidenciam certa representação de Colares como lugar místico, cercado de mistérios e um rico imaginário popular, servindo ainda como refúgio de ufólogos, neoesotéricos, alternativos ou *hippies*, os quais, em seus discursos, vêm à ilha como lugar ideal para o estabelecimento de uma “sociedade alternativa”, onde predominem ideais libertários, a comunhão com a natureza e a vivência religiosa alternativa. Todos esses

aspectos são identificados na trajetória de Rosalina, que passou a residir na ilha a partir da década de 1970, onde construiu múltiplos saberes em sua atuação como curadora e educadora do cotidiano durante cerca de 20 anos.

3. A trajetória e os saberes de uma curadora na Amazônia

Ao analisar os saberes culturais construídos por Rosalina, partimos do pressuposto de que o saber configura-se como uma forma singular de inteligibilidade do real fincada na cultura, com a qual determinados grupos reinventam o cotidiano, negociam, criam táticas de sobrevivência, transmitem seus saberes e perpetuam seus valores e tradições. A expressão *saberes culturais*, a despeito da redundância que pode encerrar – posto que todo saber é cultural – é utilizada como contraponto a uma perspectiva exclusivamente cognitiva, científica, erudita, formal ou escolar que a palavra conhecimento pode sugerir (ALBUQUERQUE, 2014).

Pode-se, assim, associar os *saberes culturais* a expressões como saberes do cotidiano, saberes da experiência, saberes sociais – gestados no cotidiano de vida e de trabalho - ou ainda, para lembrar Michel de Certeau (2009), a saberes ordinários intimamente relacionados à cultura popular. Como todo agir humano, esses saberes dependem de uma ordem cultural local posto que diferem de sociedade para sociedade, de uma geração à outra, bem como diferem em suas regras de ação e seus modos de proceder, razão pela qual são históricos e sujeitos à mudança.

Como saberes pautados na experiência, sua dimensão cognitiva não está alicerçada nos bancos da escola ou nos livros, mas em outro tipo de inteligência: “uma inteligência sutil, cheia de nuances, de descobertas iminentes, uma inteligência leve e viva que se revela sem se dar a ver, em suma, *uma inteligência bem comum*” (GIARD, 2009, p.220). Desse modo, as pessoas comuns, muitas das quais não passaram por um processo de escolarização formal, não são meras consumidoras ou reprodutoras dos produtos culturais impostos. Tal é o caso de Rosalina que, embora não tenha realizado estudos universitários era, contudo, portadora de múltiplos saberes. No mapeamento realizado em campo, foi possível identificar que tais saberes estavam ligados às duas principais vertentes religiosas com as quais Rosalina teve contato, a saber: a Umbanda e a Nova Era.

3.1 Saberes de Umbanda

Rosalina nasceu no ano de 1953 na cidade de Belém, Pará, onde viveu até meados de sua juventude em uma casa localizada no bairro do Umarizal. Estudou no máximo até o ensino médio. Profissionalmente, foi concursada da Assembleia Legislativa do Pará onde atuou como contabilista, levando uma vida financeiramente estável na cidade de Belém. Casou-se duas vezes e teve dois filhos, ambos de seu primeiro casamento.

Conhecia várias pessoas e tinha muitos amigos, com os quais levava uma vida boêmia aventurando-se em viagens às praias do litoral paraense. Em uma dessas viagens conheceu a ilha de Colares e se encantou pelo local, de tal forma que optou por fixar residência ali. De acordo com Juan, “ela resolveu se mudar pra ilha pra viver da terra, do

povo, inclusive levando a sua sabedoria”.⁷ Entretanto, sua ida para Colares também encontra justificativas em sua mediunidade, conforme explica Shiva:

Eu sei que tem uma história que é lá com aquele sítio, que parece que ela recebeu alguma coisa, sentiu alguma coisa. Ela tinha uma relação muito forte com uma entidade chamada Pai Tabajara, que seria um cacique, um pajé, da tribo dos tupinambás, e parece que ela recebeu uma história lá, sentiu que era lá o seu lugar (Entrevista, 20/04/2014).

De acordo com os entrevistados, Rosalina desenvolveu uma estreita relação com a Umbanda desde a infância. Ao perceber sua mediunidade, por volta dos sete anos de idade, sua mãe – que também possuía certa mediunidade – construiu um *congã*⁸ e passou a auxiliá-la levando-a a terreiros de Umbanda e oferecendo-lhe livros sobre o assunto.

A Umbanda pode ser entendida como um conjunto de práticas religiosas que tem na sua base de formação os cultos afroindígenas⁹, mas que acabou por incorporar elementos de diversas tradições religiosas, a exemplo do Candomblé, do Kardecismo e do Ocultismo europeu. Além disso, trata-se de uma religião que possui no seu cerne o culto à ancestralidade e, desta forma, por ser a Umbanda um sistema religioso tipicamente brasileiro, isto significa dizer que parte das entidades cultuadas possui influência indígena. Essa é uma característica não só da Umbanda, como também das religiões de matriz africana em geral (PRANDI, 2008). Para o autor:

A Umbanda manteve da matriz africana o culto aos orixás, o transe de possessão e o rito dançado, mas seus ritos, celebrados em português, são bem mais simples e acessíveis. Diferente do modelo africano, sua concepção de mundo é fortemente marcada pela valorização da caridade, isto é, o trabalho desinteressado em prol do outro, muito característico do kardecismo, religião de inspiração cristã no plano dos valores (PRANDI, 2008, p.43).

Este “trabalho desinteressado em prol do outro” é identificado na trajetória de Rosalina, posto que, conforme os entrevistados, ela “gostava de ajudar os outros”. Juan conta que ela desenvolvia atividades filantrópicas por toda a ilha de Colares, auxiliando os moradores em suas diversas necessidades sem cobrar dinheiro algum. O interesse de

⁷ Entrevista, 12/03/2013.

⁸ Altar sagrado na Umbanda constituído por diversas entidades.

⁹ Esses cultos englobam religiosidades que abrangem saberes transmitidos através de oralidades africanas e indígenas, conforme explica Pacheco (2010).

Rosalina em ajudar as pessoas levou-a a trabalhar, durante um curto período, na Secretaria de Assistência Social do município de Colares. A narrativa de Juan, abaixo, evidencia a prática da *caridade* exercida por Rosalina:

As pessoas que ela recebia, digamos assim... Como ela vivia de doações, tinha pessoas que ela ia fazer tratamento, digamos, ministrar passes e tudo mais, tinha pessoas que davam dinheiro pra ela e tinha pessoas que só recebiam porque nada tinham pra dar. Ali tanto faz a pessoa que tivesse alguma coisa pra dá como pra receber ia levar de lá o que tinha ido buscar. Ela não tava interessada em troca, em hipótese alguma (Entrevista, 12/03/2013).

A caridade desenvolvida por Rosalina envolvia diversas práticas como, por exemplo, doar alimentos, roupas, brinquedos às crianças, bem como ensinar coisas básicas à população de Colares como escovar os dentes e outras práticas de higienização. Segundo Juan:

Em Colares ela passava boa parte do tempo ensinando como as pessoas da ilha deviam escovar os dentes, como as pessoas deviam se vestir, como as pessoas deviam fazer suas higienizações, como os maridos deviam cuidar das suas mulheres e vice-versa. Ela era uma espécie de instrutora, de mestra de todo aquele povo lá (Entrevista, 12/03/2013, grifo nosso).

Embora Rosalina tivesse muitos clientes de alto poder aquisitivo, percebemos no depoimento acima a caridade para com os sujeitos mais necessitados de Colares, bem como seu papel como educadora que orientava as pessoas nas tarefas mais simples do cotidiano. Essa caridade pode ser interpretada como um saber apreendido através de seu contato com a Umbanda. A partir do estudo de Prandi (2008) é possível afirmar que, além da caridade, a Umbanda incita em seus praticantes o respeito mútuo entre os indivíduos. Esse aspecto também é identificado na trajetória de Rosalina, que não hesitava em ajudar quem estivesse precisando sem exigir nada em troca.

Sobre o desinteresse na troca de favores, cabe afirmar que Rosalina realizava rituais de cura em Colares, inicialmente ligados à pajelança cabocla, sem cobrar nada de seus clientes. Alguns, no entanto, pagavam-na mesmo assim, seja com dinheiro ou com outras formas de auxílio (doação de roupas, comida, etc.). Rosalina recebia ainda doações e ajuda financeira de amigos. Essas doações eram feitas porque, após ter deixado seu emprego na Assembleia Legislativa em Belém para viver humildemente em Colares, ela passou a não possuir fonte fixa de renda. Seu banco, dizia ela, era um “banco cósmico”.

Porém, sua caridade era tão forte que mesmo as doações recebidas ela passava adiante dividindo com pessoas ainda mais necessitadas do que ela.

A principal prática umbandista que Rosalina exercia pautava-se nos saberes medicinais ou de cura por meio da incorporação de entidades e do auxílio da pena e maracá, ou seja, a pajelança cabocla, que é tida como um aspecto da cultura do caboclo amazônico (MAUÉS, 1990). A pajelança cabocla pode ser entendida como uma forma de xamanismo amazônico e consiste na prática de cura através de elementos naturais.

Rosalina costumava realizar os rituais de pajelança cabocla para curar doenças físicas de pessoas que podiam ser tanto da ilha de Colares quanto de outras cidades brasileiras, sobretudo Belém, e pertencentes às mais diversas classes sociais. Segundo Luciano, as principais entidades incorporadas por Rosalina em seus trabalhos de pajelança eram: Mãe Erundina, Caboca Mariana e Pai Tabajara. Sob a influência destas entidades ela realizava os rituais xamanísticos, mas também dava conselhos e receitava banhos com finalidades diversas, seja para purificação de energias ou para o tratamento medicinal de alguma doença, entre outras.

Dar conselhos e prescrever receitas são duas formas de trabalho pedagógico identificadas por Mota Neto (2008) em seu estudo sobre o cotidiano de um terreiro onde entidades míticas e milenares, ao incorporarem nos sacerdotes e sacerdotisas, transmitem seus saberes à comunidade. Os conselhos, em particular

referem-se a questões religiosas (desenvolvimento mediúcnico), medicinais (prevenção, proteção e cura), morais (comportamento adequado no terreiro, na família, no trabalho), valorativas (ensina-se o bem e o mal, o certo e o errado, o justo e o injusto), além de orientações para a vida prática, como conseguir emprego, afastar “mal-olhado”, melhorar a vida sentimental, entre outros (MOTA NETO, 2008, p.147).

No entanto, a prática do aconselhamento era desenvolvida por Rosalina não só nos momentos de incorporação, pois, segundo Helena, “independente de entidade, Rosalina sempre tinha uma palavra amiga, uma palavra de consolo e de força pras pessoas”. O contato com a Umbanda e as práticas de pajelança também foram responsáveis por estruturar a visão ecológica de Rosalina, visão essa comum entre os adeptos das religiões de matriz africana. Isso acontece em vista da forte relação estabelecida entre essas espiritualidades e a natureza, desde a cosmologia das divindades até o preparo de remédios com elementos naturais. Desta forma, há uma dimensão ecológica nos saberes de Rosalina, a qual, segundo Juan era uma pessoa com forte preocupação ambiental. Conforme a narrativa de Shiva:

A Rosalina tinha uma relação muito forte com a natureza. Com ela a gente aprendeu muitas coisas, tipo: uma sapa muito grande era um espírito da natureza que não podíamos mexer, não matar as coisas. Eu lembro de uma vez que tinha um escorpião negro que ela não queria que matasse, cobra também ela dizia que não matava, ela respeitava como sendo espíritos da mata, são seres da mata, cobras no igarapé, tinha muito isso de respeitar todos (Entrevista, 20/04/2014).

Outra conclusão é possível se extrair da fala de Shiva. Trata-se da visão de alteridade de Rosalina em sintonia com a perspectiva xamânica de mundo. Enquanto na tradição ocidental apenas o humano é considerado como *o outro*, no xamanismo o outro é tudo e todos: objetos, animais, plantas. Assim, é possível perceber que o contato com a Umbanda e com a prática xamanística da pajelança cabocla proporcionou a ela diversos aprendizados – tais como: a caridade, o respeito mútuo entre indivíduos, o preparo de banhos com ervas, a prática do aconselhamento e os valores ecológicos. Este último, por sua vez, se ressignificou em sua trajetória a partir de experiências com a religiosidade Nova Era de onde novos saberes emergiram.

3.2 Saberes da Nova Era

A expressão Nova Era tem suas origens na cosmologia astrológica, fazendo referência a uma mudança no trajeto do sistema solar em relação ao zodíaco, conforme afirma Magnani (2000). Para os astrólogos, essa mudança é caracterizada pela mudança de ciclos vivenciados pela humanidade:

De acordo com o esquema dos ciclos do ano zodiacal, a era de Touro, por exemplo, corresponde às civilizações mesopotâmicas, a de Áries, à religião mosaico-judaica e a de Peixes – que teve início com o advento do cristianismo – ao termino dos 2.100 anos de sua duração, levou ao limite os valores identificados com o modo de vida ocidental. A nova era que agora se inicia é a Era de Aquário, trazendo ou anunciando profundas alterações para os homens em sua maneira de pensar, sentir, agir e relacionar-se uns com os outros, com a natureza e com a esfera do sobrenatural (MAGNANI, 2000, p.10).

De outro modo, segundo a cosmovisão astrológica, a Nova Era, ou Era de Aquário, traz consigo uma quebra de paradigmas com o sistema religioso-cultural do Ocidente, erguido sob os princípios do Cristianismo na Era de Peixes. Acredita-se que, com o advento dessa nova era astrológica a humanidade passou a criar uma nova

consciência que implica na busca pelo equilíbrio entre pólos anteriormente dissociados, como, por exemplo, homem/natureza, corpo/mente, espírito/matéria e masculino/feminino. Nesse contexto, a conduta e os dogmas das instituições religiosas tradicionais passam a ser questionados e, conseqüentemente, os indivíduos passam a ser responsáveis por suas buscas espirituais e pertenças religiosas, que em muitos casos se distanciam completamente dos modelos tradicionais de religião institucionalizada. O Cristianismo, entendido como instituição religiosa, foi tido pelos agentes da Nova Era como “espiritualmente esvaziado e contaminado pelo individualismo utilitário” (AMARAL, 2000, p.21).

Entretanto, vale ressaltar que embora a espiritualidade Nova Era tenha emergido na sociedade ocidental a partir da década de 1960, ela veio sendo forjada desde a metade do século XIX. De acordo com Leila Amaral (2000), diferentes movimentos ocultistas, anteriores ao século XX, são predecessores dessa espiritualidade como é o caso da Sociedade Teosófica, ou simplesmente Teosofia, fundada em 1875 por Helena Blavatsky. Outros movimentos identificados nesse contexto como o Transcendentalismo, o Espiritualismo e a Sociedade Teosófica também buscavam inspiração no pensamento oriental para despertar os poderes e habilidades da mente humana.

A construção histórica de um *ethos* Nova Era contou ainda com o *Human Potential Movement*, que surgiu na Califórnia em meados da década de 1950:

Esse movimento é uma convergência da comunidade metafísica do oculto com a cultura da droga e experiências místicas e psíquicas, bem como a interação da psicologia humanista, introduzida por Maslow, com a *Gestalt Therapy*, [...] e a bioenergética, desenvolvida por Wilhelm Reich, para promover a “revolução pessoal” e alcançar um nível de consciência intensificada, através de experiências com drogas, sexo e arte – as duas últimas com entradas e contatos com intelectuais da Escola de Frankfurt (AMARAL, 2000, p.23).

As influências desse tipo de religiosidade também foram identificadas na trajetória de Rosalina. Segundo Dionísio, Rosalina era uma pessoa que sempre falava “da Nova Era, do novo tempo que tava chegando, da transformação do planeta”. A busca pela integração entre homem e natureza, evidenciada pelo discurso da Nova Era, despertou em seus seguidores a preocupação ambiental e a vivência ecológica. Rosalina acreditava que “a natureza cura tudo”, motivo pelo qual objetivava fazer com que as pessoas que chegassem ao seu sítio em Colares se conectassem com o meio a partir da harmonização com a natureza. A dimensão ecológica dos seus saberes tendo se iniciado com a Umbanda, que lhe incitou o respeito aos seres do reino animal e vegetal, foi, contudo, ressignificada a partir do seu contato com a religiosidade Nova Era. A partir de então, o valor ecológico

ganhou novo significado evidenciado pelo termo “harmonização” que deve ser buscada pelo homem em relação à natureza.

Uma característica da contracultura incorporada à religiosidade Nova Era e que se encontra presente na trajetória de vida de Rosalina é a sua forte crítica às instituições religiosas. Segundo Shiva:

Não só o Catolicismo, mas de nenhuma outra instituição ela gostava. Ela gostava daquele lema que é da Sociedade Teosófica que diz: “não há religião superior à verdade”. Ou seja, qual era a religião? É você se comunicar com Deus, você vivenciar, praticar os princípios, mas sem dogmas, independente de religião, que só fazem separar as pessoas como se um tivesse com a verdade e o outro não está, o outro é o demônio e eu sou o santo (Entrevista, 20/04/2014).

Declarando-se não-religiosa do ponto de vista institucional, Rosalina dizia que sua religião era universal ou, ainda, que “sua religião era o amor”, de acordo com a narrativa de Dionísio (Entrevista, 15/09/2013). Constata-se, portanto, que ela buscava seus próprios meios de entrar em contato com a(s) divindade(s), sem que houvesse a mediação de qualquer instituição religiosa. Sobre este importante aspecto da modernidade religiosa, Brandão (1994, p.31) afirma:

O sujeito é o mesmo e modelo de si. Seu alvo: conhecer-se até onde for possível, dissolver-se na ordem mística de um cosmos vivo, mas à condição de fazê-lo trabalhando a plenitude de sua própria pessoa, do corpo às possíveis e várias dimensões espirituais de si mesmo. Realizar-se, sendo cada vez mais a expressão mais pura de sua própria plenitude.

Muito mais do que a simples crítica aos modelos tradicionais de religião, essa negação das instituições religiosas exprime uma busca pelo autoconhecimento e pela relação direta com a divindade, saberes esses apreendidos por Rosalina e transmitidos aos sujeitos que conviveram com ela.

Cabe ressaltar que a construção de saberes ligados à Nova Era se deu por meio de livros e do contato de Rosalina com outros sujeitos neoesotéricos. A leitura teve um papel fundamental nesse processo já que, de acordo com Shiva e Juan: “a Rosalina lia muito. Quando ela morava no sítio em Colares não tinha luz nem televisão, então ela tinha muito tempo pra leitura” (Entrevista, 20/04/2014); “a Rosalina era uma pessoa muito culta; a cultura dela era uma cultura do oculto” (Entrevista, 12/03/2013).

O acesso aos livros esotéricos não se deu, contudo, no âmbito dos estudos acadêmicos, mas, sobretudo, por meio de correspondências. Segundo Shiva, Rosalina

encomendava esses livros diretamente das editoras ou de lojas rozacruscianas e esotéricas: “ela recebia aquelas comunicações do Círculo Esotérico, ela conhecia coisas da Rosacruz, tudo era por correspondência, ela escrevia pra lá e mandavam folhetos, boletins, livros, ela tinha acesso a tudo isso” (Entrevista, 20/04/2014). Os livros também chegaram até Rosalina através da socialização – empréstimos, trocas, presentes – com outros sujeitos ligados à contracultura e à religiosidade Nova Era, como seu primeiro marido, Hórus, apontado pelos entrevistados como sendo estudioso do esoterismo contribuindo para fazer chegar até ela muitos livros dessa natureza. No quadro abaixo é possível observar os principais autores e obras que Rosalina costumava ler:

Autor	Obra	Editora
Helena P. Blavatsky	“A Doutrina Secreta”, “Isis Sem Véu” e “A Voz do Silêncio”	Pensamento
Jiddu Krishnamurti	“Aos Pés do Mestre”	Pensamento
Paramahansa Yogananda	“Autobiografia de um yogue” e “Onde Existe Luz”	Self-Realization Fellowship
Charles Webster Leadbeater	“Os Mestres e a Senda”, “Auxiliares Invisíveis”, “O Plano Mental”, “Os Chakras” e “Compêndio Teosófico”	Pensamento
Hermann Hesse	“Siddhartha”	Editorial Presença
Khalil Gibran	“Jesus, o Filho do Homem” e “O Profeta”	Acigi
Cheikh Sharf-u-din	“Cartas de um Mestre Sufi”	Pensamento
Louise Hay	“Você Pode Curar Sua Vida”	Best Seller
Barbara Brennan	“Mãos de Luz”	Pensamento
Yogi Kharishnanda	“O Evangelho de Buda”	Pensamento
Lao Tse	“O Tao Te Ching”	Ordem do Graal na Terra

Quadro 01: Livros que Rosalina costumava ler de acordo com os entrevistados.

Também faziam parte de suas leituras os livros do Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento “Instrução” e “Folhas do Jardim de Morya”, além de livros com mensagens dos Mestres Ascencionados da Gande Fraternidade Branca, editados pela editora Ponte para a Liberdade. Desta forma, é possível afirmar que a teia de saberes relacionados à Nova Era foi construída, principalmente, por meio da leitura livre e do relacionamento mantido com pessoas que também pertenciam a esse universo.

Conforme se pode observar no quadro acima, a influência da Nova Era permeou suas leituras, seja com autores conhecidos da Teosofia como Helena Blavatsky, Charles Leadbeater, Yogananda, Krishnamurti, entre outros, seja a partir de livros de auto-ajuda e de cura tais como: “Você Pode Curar Sua Vida” (Louise Hay) e “Mãos de Luz” (de Barbara Ann Brennan). Incluem-se ainda uma miscelânea de espiritualidades, entre as quais é possível identificar o budismo, o taoísmo, o sufismo, o espiritismo e até mesmo o cristianismo.

Uma das autoras que mais influenciou Rosalina foi, segundo os entrevistados, Helena P. Blavatsky, fundadora da Sociedade Teosófica. As ideias de Blavatsky foram formuladas durante o século XIX, influenciando muitos jovens que gritavam pela liberdade durante as décadas de 1960 e 1970, período tido como a raiz cronológica da religiosidade Nova Era. Isto pode ser justificado pela crítica feita pela autora aos cristãos e sua interpretação errônea da Bíblia, conforme observado em sua obra “Isis Sem Véu” de 1887. Esta obra se destacou como a mais popular de Blavatsky e evidencia uma defesa das religiões pré-cristãs, onde ela aborda a história e o desenvolvimento das ciências ocultas. A frase dita anteriormente por Shiva, “não há religião superior à verdade”, é de autoria de Blavatsky e se tornou o lema da Sociedade Teosófica, bem como um princípio de vida para a Rosalina.

A partir do contato com a Teosofia de Helena Blavatsky, Rosalina tomou conhecimento da Grande Fraternidade Branca. Sobre esta última, o depoimento de Dionísio afirma que:

A Fraternidade afirma que existe uma hierarquia planetária, que é essa grande fraternidade, incluindo mestres como Jesus Cristo, Buda, São Francisco, e outros mestres orientais e ocidentais, e eles formam uma hierarquia que coordena tudo que ocorre no Planeta Terra, são responsáveis pela evolução do Planeta Terra, que seguiria por sua vez uma ordem que pra nós ainda não é revelada, mas uma ordem cósmica ou galáctica, onde esses seres atuam num conjunto de civilizações, só que nós ainda não temos as condições de conhecê-los em função das dimensões que eles habitam. E cada dia esses seres trabalham com a luz que são as cores do arco-íris, então cada um dos sete dias da semana tem um raio ou uma cor que favorece uma virtude (Entrevista, 15/09/2013).

Dentro da cosmologia da Grande Fraternidade Branca, os mestres citados por Dionísio (Jesus, Buda...) correspondem à avatares dos mestres ascencionados – como são comumente chamados pelos seus seguidores – ou, como disse Juan, a diferentes reencarnações de um grupo de seres que alcançou uma espécie de evolução espiritual. Cabe

salientar que a figura de Jesus dentro da Grande Fraternidade Branca é ressignificada por Rosalina. De acordo com Shiva:

Ela falava muito do Cristo Cósmico, na verdade ela não gostava desse Cristo que o catolicismo mostra pra gente, pregado na cruz, ela falava muito do Cristo cósmico. O Cristo cósmico era maior, podia se manifestar em outras pessoas, em qualquer pessoa, todo mundo poderia ter acesso a ele, que na verdade, no fundo, a gente também acha que o Cristo era ela, o cristo em ação (Entrevista, 20/04/2014, grifo nosso).

A frase em destaque na narrativa de Shiva chama a atenção para o fato de que há um conjunto de sujeitos que tem Rosalina como Mestra. Durante a visita à residência de Juan, por exemplo, tivemos a oportunidade de fotografar o seu altar. Em meio a diversos símbolos esotéricos e fotografias dos mestres ascencionados da Grande Fraternidade Branca, havia também um retrato de Rosalina. Quando questionado sobre o motivo pelo qual há uma foto dela em seu espaço sagrado, Juan respondeu que para ele, “Rosalina é uma Mestra”.

Estes sujeitos entrevistados costumavam participar do ritual idealizado por Rosalina, na década de 1990 denominado *Foco de Luz*, como mencionado, cuja inspiração estava justamente nos mestres ascencionados da Grande Fraternidade Branca. De acordo com Dionísio, os rituais ocorriam às quintas feiras, sempre com Rosalina e alguns amigos, inicialmente em Colares e depois em Belém.

Após a morte de Rosalina, em 2006, os rituais do *Foco* continuaram a ser realizados por um grupo que se denomina Círculo Esotérico Estrela do Oriente, liderado atualmente por Juan e sua esposa, Dóris. Este fato permite-nos pensar no próprio *Foco de Luz* como um resultado dos múltiplos saberes apreendidos por Rosalina e, posteriormente, transmitidos aos seus seguidores. A continuação do *Foco* até os dias de hoje é a forma mais visível de sua atuação pedagógica ressignificada entre seus seguidores.

Uma outra fonte para o aprendizado de diversos saberes ligados à religiosidade Nova Era foi a estadia de Rosalina na cidade de Belo Horizonte/MG, em meados de 1990. Sua intenção era fazer um curso na Universidade Holística da Paz, ministrado por um psicólogo francês chamado Pierre Weil, visando receber um certificado de terapeuta holística que lhe possibilitasse “trabalhar e ter uma renda desse trabalho que ela já fazia há muitos anos, curando as pessoas”, segundo Shiva, porém sem a devida certificação institucional.

A experiência de Rosalina, ao realizar apenas parte desse curso, fez com que ela reconfigurasse os seus métodos de cura. De volta ao Estado do Pará cerca de dois anos depois, ela passou a atuar como curadora em sua casa em Belém, onde montou um pequeno consultório. Lá atendia os pacientes utilizando técnicas variadas como: cristais,

relaxamento, alinhamento de chakras, jogo das cartas de tarot, cromoterapia, aconselhamentos, banhos.

Todos esses procedimentos de cura expressam a multiplicidade dos saberes apreendidos por Rosalina e transmitidos aos seus clientes e seguidores. Além disso, é possível perceber uma multiplicidade de formas de curar aprendidas inicialmente com a Umbanda e a pajelança cabocla e, posteriormente, com a religiosidade Nova Era.

4. Da Umbanda à Nova Era, da Pajelança ao Neoxamanismo: a circularidade cultural dos saberes de Rosalina

As práticas de cura realizadas por Rosalina no decorrer de sua trajetória de vida foram diversas. Os rituais de pajelança cabocla eram realizados com o auxílio de pena, maracá, recursos naturais e incorporação de entidades; elementos que caracterizam, segundo Maués (1990), uma forma de xamanismo na Amazônia. Este tipo de prática é registrada em boa parte da história de Rosalina, entre Belém e Colares, e advém do primeiro contato religioso com a Umbanda.

Outra prática de cura identificada em sua trajetória engloba elementos da Nova Era, na qual Rosalina utilizava cristais, incensos, terapia com cores (cromoterapia), programação neurolinguística e alinhamento de chakras. A curadora passou a atender as pessoas utilizando esses métodos quando se mudou para a cidade de Belém, no seu retorno de Belo Horizonte/MG, onde buscou aprofundar seus conhecimentos para atuar como terapeuta holística.

Outro ritual realizado por ela tinha inspiração teosófica, no qual a visualização de chamas coloridas, correspondentes aos mestres ascencionados da Grande Fraternidade Branca, era feita com o propósito de emanar energias positivas para lugares e pessoas que necessitavam dessas energias como: hospitais, presídios, familiares e amigos, assim como para o Planeta Terra como um todo.

Além disso, no sítio “Estrela do Oriente”, em Colares, Rosalina realizava rituais em que, incorporada por entidades, proferia discursos de harmonização com a natureza, falava sobre a “Nova Era que estava chegando”, a “Mãe-Terra” e sobre “o poder das sacerdotisas do Universo” (VILLACORTA, 2011). Essa reverência prestada à natureza e os discursos sobre o aspecto feminino da divindade, cultuado por diversas sacerdotisas, remetem ao neopaganismo, espiritualidade contida no interior da religiosidade alternativa. Para Oliveira (2009, p.2), o neopaganismo corresponde ao “ressurgimento na sociedade contemporânea de uma espiritualidade centrada na percepção da Terra como sagrada”, que enxerga a divindade como imanente e encarnada tanto na natureza quanto nos processos da vida terrena. Além disso, as religiões neopagãs buscam inspiração em práticas e crenças religiosas de civilizações camponesas pré-cristãs. Entende-se que essas, por sua vez, possuíam seus bruxos, feiticeiros e xamãs, que tinham uma estreita relação com a natureza e eram capazes de realizar rituais mágicos de manipulação do mundo a partir de elementos naturais.

Essas diversas práticas de cura, como a terapia holística e os rituais de inspiração teosófica e neopagã, fazem parte do universo místico da Nova Era e são denominadas por alguns estudiosos, como Magnani (1999), de neoxamanismo. Este autor também chama esse fenômeno de “xamanismo urbano” e afirma que suas fontes de inspiração são variadas pois:

Vão desde obras de autores consagrados como Mircea Eliade, Joseph Campbell e Carl Jung, entre outros, passando por tradições e cosmologias atribuídas a povos indígenas (atuais e passados), a culturas pré-históricas, a supostos cultos e religiões já desaparecidos e em alguns casos incluem até mesmo formulações de determinadas ciências como a biologia molecular, a genética e a física quântica. Em todos os casos parte-se sempre do pressuposto de que se trata da busca de ligação com tradições imemoriais e do resgate de uma sabedoria perdida ou restrita a pequenos grupos que ainda manteriam um modo de vida em contato com a natureza (MAGNANI, 1999, p.118-119).

Para o autor, esse resgate da sabedoria de povos ancestrais recebe influências em larga escala do neoesoterismo difundido a partir da contracultura. Segundo Atkinson (*apud* MAGNANI, 1999, p.113) esse tipo de xamanismo foi induzido “pela cultura da droga dos anos 60 e 70, pelo movimento do potencial humano, ambientalismo, interesse em religiões não ocidentais e por uma antropologia popularizada, especialmente em virtude dos livros de Castañeda”.

Apesar dessas práticas neoxamânicas estarem presentes na trajetória de Rosalina a partir dos anos 90, Hórus conta que ela as estudava por meio de livros desde a década de 70, quando realizava rituais individuais e avançava em sua busca espiritual a partir do neoesoterismo, paralelamente às práticas de pajelança cabocla que desenvolvia, configurando um processo pedagógico de autodidatismo. Assim, é possível inferir que ambas as espiritualidades (umbandista e *new age*) estiveram presentes na trajetória de Rosalina conjuntamente. Mesmo quando não praticava mais rituais de pajelança cabocla e atendia como uma neoxamã em Belém, “as entidades e os caboclos estiveram muito presentes na vida dela, do início ao fim da sua vida ela sempre consultava suas entidades”, conforme nos diz Gaia (Entrevista, 15/04/2013).

Outra inferência é que essas múltiplas práticas de cura de Rosalina, oriundas de diferentes vertentes religiosas, evidenciam um processo de *bricolagem* (LÉVI-STRAUSS, 1989) – neste caso, a *bricolagem* de crenças. Lévi-Strauss afirma que *bricolagem* é o termo que se aplica ao processo de operar com materiais fragmentários já elaborados, isto é, em termos religiosos, o processo de unir saberes oriundos de diversas religiosidades em seu

cotidiano. O *bricoleur* é justamente aquele que opera por meio desse processo. Segundo o autor:

O *bricoleur* está apto a executar um grande número de tarefas diversificadas, porém, ao contrário do engenheiro, não subordina nenhuma delas à obtenção de matérias primas e de utensílios concebidos e procurados na medida de seu projeto: seu universo instrumental é fechado, e a regra de seu jogo é sempre arranjar-se com os “meios-limites”, isto é, um conjunto sempre finito de utensílios e de materiais bastante heteróclitos, porque a composição do conjunto não está em relação com o projeto do momento nem com nenhum projeto particular, mas é o resultado contingente de todas as oportunidades que se apresentaram para renovar e enriquecer o estoque ou para mantê-lo com os resíduos de construções e destruições anteriores (LÉVI-STRAUSS, 1989, p.34).

O agente dos processos de *bricolagem*, nesse sentido, acumula saberes de diferentes origens, recolhendo-os ou conservando-os de acordo com o seu próprio interesse e tendo em mente que tais recursos poderão sempre ser utilizados para alguma finalidade. Esses diferentes elementos detidos pelo *bricoleur*, segundo Lévi-Strauss, podem ser entendidos como “semiparticularizados”, isto é, “suficientemente para que o *bricoleur* não tenha necessidade do equipamento e do saber de todos os elementos do corpus, mas não o bastante para que cada elemento se restrinja a um emprego exato e determinado” (LÉVI-STRAUSS, 1989, p.34).

De outro modo, podemos constatar que a espiritualidade de Rosalina era uma construção pessoal, desenvolvida e vivenciada a partir de um recorte de diferentes religiões, como a Umbanda e a Nova Era, de onde se originaram suas práticas de cura. Em vista disso, é possível afirmar que Rosalina tinha uma identidade híbrida pois era, ao mesmo tempo, pajé cabocla e neoxamã. Ainda que tenha havido períodos de dominância de uma prática em relação à outra na sua trajetória de vida, todas elas compunham o mosaico de seus saberes, os quais, transmitidos e apropriados por outros, faziam dela, também, uma educadora.

A religiosidade expressa através de uma construção pessoal, ou seja, a individualização do sagrado, é um fenômeno da modernidade que tem sido amplamente estudado, sobretudo no campo das ciências sociais da religião. Thomas Luckmann (2014) entende que, no contexto moderno, há um alto grau de incongruência entre a religião estabelecida e a religião individual, ocasionado, dentre outras coisas, pela crise das instituições religiosas. No caso do atual momento histórico, “o indivíduo constrói não só sua identidade pessoal, mas também seu sistema individual de significado ‘supremo’” (LUCKMANN, 2014, p.119). Desse modo, Luckmann expõe a teoria de que dado esse

diagnóstico da privatização da religião, a religião individual – que ele chama de “religião invisível” –, abarcaria expoentes diversos, podendo ser considerado como religioso qualquer fenômeno cultural responsável por produzir socialização e suscitar transcendências (MATA, 2014).

Nesse sentido, é possível afirmar que a espiritualidade vivenciada pela curadora Rosalina era decorrente de uma construção própria, na qual suas visões de mundo convergiram para a elaboração de uma “religião invisível”. Em decorrência disso, entretanto, é possível dizer que a sistematização de crenças da curadora saiu do plano individual para atingir um dado nível social, o da comunidade formada em seu sítio em Colares/PA. Inclusive, muitos dos interlocutores da pesquisa consideram-se “seguidores” de Rosalina, por terem adotado para si o modelo de religiosidade professado por ela.

Considerações Finais

A trajetória que Rosalina traçou pela Amazônia paraense consistiu na apreensão de múltiplos saberes e, posteriormente, na transmissão destes saberes aos sujeitos que frequentavam o sítio “Estrela do Oriente” em Colares. As práticas de cura desenvolvidas por ela englobavam elementos de diversas tradições configurando um hibridismo religioso e um constante processo de *bricolagem* de seus saberes.

Nesse sentido, é possível pensar em Rosalina como uma *bricoleur*, pois o acúmulo de saberes espirituais oriundos de diferentes tradições religiosas e correntes espiritualistas convergiram para a elaboração de um *modus operandi* próprio no que diz respeito às práticas curativas desenvolvidas por ela. O processo de bricolagem, nesse caso, se deu com o recorte temático de saberes da Umbanda e da Nova Era, especialmente as práticas de pajelança cabocla, terapias holísticas e elementos da Teosofia e das religiões neopagãs.

Sua trajetória na ilha de Colares foi marcada por um turismo religioso no qual diversas pessoas, de diferentes localidades do país, iam até o seu sítio em busca de cura e de comunhão com a natureza evidenciando a importância de Rosalina para população local e para as inúmeras pessoas que frequentavam o sítio “Estrela do Oriente”.

A construção dos saberes de Rosalina se deu por meio de diversos elementos, tais como a via mediúnic, a experiência direta, a leitura incessante e a socialização com outros indivíduos. Em sua experiência com a Umbanda, Rosalina desenvolveu práticas de cura relacionadas à pajelança, permeadas de saberes transmitidos, predominantemente, através da oralidade, configurando-se como um saber popular no contexto em que foi vivenciado, isto é, a ilha de Colares.

Ao lado desses saberes e práticas, as filosofias esotérica e oriental, presentes no interior da religiosidade Nova Era correspondem a conhecimentos apreendidos por Rosalina a partir da leitura de diversos livros escritos por intelectuais que se debruçaram no estudo dessas filosofias. Tais livros, por seu caráter hermético e de profundidade, podem ser compreendidos como constituindo um saber erudito.

O saber popular e o saber erudito se entrelaçaram, portanto, na trajetória de vida de Rosalina sendo responsáveis pela origem dos seus conhecimentos, evidenciando,

com isso, a inexistência de barreiras rígidas entre as culturas popular e erudita passíveis, na realidade, de receberem influências recíprocas e de se interpenetrarem mutuamente, conforme nos lembra o historiador Carlos Ginzburg (1987) ao desenvolver o conceito de circularidade cultural.

As reflexões de Ginzburg acerca da circularidade da cultura também nos permitem pensar sobre a importância de se atribuir valor aos saberes da experiência construídos no cotidiano social. Rosalina, muito embora não tenha tido uma formação universitária, nos atendimentos prestados à comunidade de Colares empreendeu um processo educativo cotidiano atravessado por saberes que transformaram ideias e modos de vida, motivo pelo qual muitos dos seus seguidores consideram-na como uma “Mestra” que, ao curar, também ensinava.

Assim, no contexto de uma Amazônia carente de atendimentos médicos e de serviços de orientação à população, sobressaiu-se Rosalina de dentro das matas de uma ilha de pescadores fato que a configura, tal como o Menocchio de Ginzburg (1987), como um sujeito singular que construiu múltiplos saberes e os transmitiu a diversas pessoas fazendo dela, também, uma educadora.

Referências

- ALBUQUERQUE, Maria Betânia B. Educação e Saberes culturais: apontamentos epistemológicos. In: PACHECO, Agenor Sarraf et al. (Org.). *Pesquisas em Estudos Culturais na Amazônia: cartografias, literaturas & saberes interculturais*. Belém: AEDI, p. 649-690, 2015.
- AMARAL, Leila. *Carnaval da alma: comunidade, essência e sincretismo na Nova Era*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. A crise das instituições tradicionais promotoras de sentido. In: MOREIRA, Alberto; ZICMAN, Renée (Org.), *Misticismo e novas religiões*. Petrópolis: Vozes, p. 23-41, 1994.
- CASTRO, Dannyel Teles de. *Senhora da Cura: um estudo sobre a trajetória e os saberes de uma curadora na Amazônia*. Trabalho de Conclusão do Curso (TCC) (Graduação em Ciências da Religião). UEPA, Belém, 2014.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*: 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2012.
- CRUZ, Ernesto da. *História do Pará*. Belém: EDUFPA, 1999.
- DUARTE, Joelma. *A contracultura e seus desdobramentos: novas experimentações e religiosidade new age*. Tese (Doutorado em Ciências da Religião). Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, 2010.
- ESTATÍSTICA MUNICIPAL DE COLARES, 2012.
- GIARD, Luce. “Artes de Nutrir”. In: CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYIOL, Pierre. *A invenção do cotidiano*: 2. Morar, cozinhar. Petrópolis: Vozes, p.211-233, 2009.
- GIESE, Daniel Rebisso. *Vampiros extraterrestres na Amazônia*. Belém: Falangola Editora, 1991.

- GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- GUERRIERO, Silas. Caminhos e descaminhos da contracultura no Brasil: o caso do movimento Hare Krishna. *Revista Nures (Online)*, São Paulo, v. 12, p. 13-21, 2009.
- HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos - O breve século XX (1914-1991)*. São Paulo: Cia das Letras, 1994.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *O pensamento selvagem*. Campinas: Papirus, 1989.
- LUCKMANN, Thomas. *A religião invisível*. São Paulo: Olho D'Água; Loyola, 2014.
- MAFFESOLI, Michel. *O Tempo das Tribos: o declínio do individualismo na sociedade de massa*. São Paulo: Forense Universitária, 2006.
- MAGNANI, José Guilherme. *Mística Urbe: um estudo antropológico do circuito neo-esotérico na cidade*. São Paulo: Studio Nobel Editora, 1999.
- _____. *O Brasil da Nova Era*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.
- MATA, Sérgio da. O escândalo da religião à luz da protosociologia de Thomas Luckmann. *Saeculum, Revista de História*, v.30, João Pessoa, jan/jun, 2014. p.191-204.
- MAUÉS, Raymundo Heraldo. *A Ilha Encantada: medicina e xamanismo numa comunidade de pescadores*. Belém: EDUFPA, 1990.
- MOTA-NETO, João Colares. *A Educação no cotidiano do terreiro: saberes e práticas culturais do Tambor de Mina na Amazônia*. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade do Estado do Pará (UEPA), Belém, 2008.
- OLIVEIRA, Rosalira. Ouvindo uma Terra que fala: o renascimento do Paganismo e a Ecologia. *Revista Nures*, São Paulo, v. 11, p.1-9, 2009.
- PACHECO, Agenor Sarraf. Encantarias Afroindígenas na Amazônia Marajoara: Narrativas, práticas de cura e (in) tolerâncias religiosas. *Horizonte*, Belo Horizonte, v.8, n.17, p.88-108, 2010.
- PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. *Projeto História*, São Paulo, n.15, abr./ 1997, p.13-49.
- PRANDI, Reginaldo. A dança dos caboclos: uma síntese do Brasil segundo os terreiros afro-brasileiros. In: MAUÉS, Raymundo Heraldo; VILLACORTA, Gisela M. *Pajelanças e Religiões Africanas na Amazônia*. Belém: EDUFPA, p.31-50, 2008.
- SANTOS, Ana Cecília dos. Comunidades Alternativas: trilhas entre cuidados ecológicos e o cuidado de si. *Anais do XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais*. Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, p.1-9, 2009.
- THOMSON, Alistair. Recompondo a memória: questões sobre a relação entre a História Oral e as memórias. *Projeto História*, São Paulo, n. 15, p. 51-84, abr. 1997.
- VILLACORTA, Gisela M. *Rosa Azul: uma xamã na metrópole da Amazônia*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Universidade Federal do Pará (UFPA), Belém, 2011.